

Educação na pandemia

Pretoendo fazer aqui um breve relato de experiência de um professor em atuação numa escola pública durante o período da pandemia de Covid-19. Não pretendo que este relato seja o retrato de uma escola em particular ou mesmo da rede pública em geral. O enquadramento do relato se dá simplesmente porque é o espaço onde atuo. Também não pretendo generalizar meu relato para quaisquer outros professores ou profissionais de educação. É, como disse, um relato de experiência pessoal, que se coloca perante um quefazer da educação na pandemia.

Parece que a pandemia tirou o chão de muita gente no que diz respeito a como se devem dar as práticas pedagógicas. Mas talvez isso seja só uma aparência mesmo. Analisando a situação com base nas plataformas pedagógicas virtuais que já tive oportunidade de usar nesse período, tenho uma percepção muito clara de que a ideia segundo a qual o uso da internet veio para mudar definitivamente as concepções de ensino-aprendizagem não parece ser algo tão categórico assim. Não que a internet não possa fazer isso. Pode. Mas ela está sendo usada nesse momento mais como um suporte para transportar a estrutura tradicional da sala de aula da escola para a casa de professores e alunos do que como uma ferramenta que possibilita novos usos educacionais. E nem entro aqui no mérito da falta de conectividade generalizada que exclui a maior parte dos alunos do processo. Obviamente, uma discussão mais profunda dessas novas possibilidades precisaria que esse problema fosse previamente sanado, o que parece longe de acontecer.

No entanto, é possível vislumbrar algumas coisas. Gêneros textuais virtuais, que em sala de aula só eram possíveis ser trabalhados de forma

deslocada, agora estão sendo possíveis ser trabalhados de forma situada. O bate-papo, por exemplo. Se o professor quisesse trabalhar esse gênero em sala de aula, precisaria fazer algo como levar para os alunos uma folha com um trecho de bate-papo impresso. No ambiente virtual, esse gênero pode ser trabalhado em presença, com o professor e os alunos trabalhando diretamente nele e a partir dele.

Mas o fato de uma possibilidade como essa estar aberta é minimizado pelo fato de as plataformas virtuais a que tive acesso restringirem novas formas de interação entre professor e aluno ou mesmo entre aluno e aluno. No final das contas, a ideia de um professor falante e uma turma de alunos ouvintes parece ser o caminho previsto pelos idealizadores dessas tecnologias, o que é uma amostra do quanto determinadas estruturas estão sedimentadas mesmo na cabeça daqueles que estão acostumados a trabalhar com diversas possibilidades de interação virtual.

De qualquer maneira, depois de passar quase um ano sem nenhum contato com alunos, embora “dando aula”, a primeira interação virtual que tive com um deles me pareceu uma grande evolução na forma de praticar e pensar a educação, ainda que estejamos todos, professores e alunos, muito acostumados ao modo tradicional de ensinar e aprender. É por isso que, mesmo nessa nova conjuntura, continuamos a fazer séries de exercícios enfadonhos que pouco ou nada contribuem para o desenvolvimento dos alunos unicamente para justificar o fluxo dos sistemas de ensino.

Uma coisa que está me parecendo positiva nessa nova interação é o tempo. Claro, considero apenas o lado do professor. Não tenho como saber as condições materiais e psíquicas pelas quais está passando cada aluno, o que, é evidente, interfere no modo como ele interage. Mas esse tempo da interação está me parecendo mais qualitativo. É possível perceber, por exemplo, nas entrelinhas da bateria de atividades que os alunos têm que fazer, as visões particulares de mundo de cada um. E na ferramenta virtual de “correção” que o professor tem a sua disposição, vi

a possibilidade de abrir um diálogo com as coisas que cada aluno escreve nas atividades. Esse era um caminho que me parecia muito difícil na sala de aula física.

Numa atividade de produção de texto, no caso, um relato de experiência, um aluno escreveu que “criança não costuma ter medo pois tudo pra nós vai além da emoção e imaginação”. Não lembro, na minha curta carreira de professor, de ter lido algo tão denso que considerasse de maneira tão profunda as diversas camadas da realidade vindo de uma criança de 11 anos. Será que esse tipo de coisa sempre esteve nos textos e eu não era capaz de ver? Ou será que isso é fruto de um espaço de maior introspecção provocado pelo momento atual? Seja como for, parece um caminho para se pensar outras formas de fazer educação.